



Semanário humorístico e literário

Propriedade da Empresa do PARDAL

Director e editor: Luís Teixeira Jacinto — Administrador: António Dantas

Redacção: Campo da Misericórdia, 13
Administração: Rua de Paio Galvão, 70



Composto e impresso nas oficinas da
Tipografia Minerva Vimaranesense

Guimarães, 18 de Junho de 1916

MISSAL DE DORES

(Tragédias em cartas)

I

Meu bom amigo:—Escrevo-lhe sob a maior das angústias, para desafogar consigo, com a sua velha e paternal amizade, que me tortura assazmente. Ah! meu querido amigo, como tenho sofrido nestes últimos dez dias! Quando me vir, não me conhecerá! Estou avelhentada! Tenho o rosto cavado pelo sofrimento, um sofrimento de dez dias que mais me parece de dez anos. Hoje, ao pentear-me, vi entre os meus cabelos fulvos sete já brancos, como sete fios de prata polida entre um mar de ouro velho!... Sete cabelos brancos, aos vinte anos, na primavera da vida!...

Como é triste, horrorosamente triste!

Não me quero ver mais ao espelho, para não sofrer por causa dos meus cabelos que, prematuramente, começam de nevar, e que o meu extremoso amigo tantas vezes beijou, quando eu, menina e moça, adormecia no seu regaço acolhedor.

Tenho amaldiçoado, nestas horas de violenta aflicção, o ventre que me gerou, o seio que me deu o germen da vida. Como me pesa a vida! Mas porque foi que

não morri ao nascer, ainda que a minha morte causasse também a de minha mãe! Pois não é a ela que devo esta lancinante má-gua que me devora?! Se eu não tivesse nascido, não sofria agora dolorosamente!... Perdoe-me, amigo meu, se blasfemo, mas quem fala não sou eu, é toda a minha grande dor.

Quem me conforta nestes dolorosos momentos é a minha filhinha, a nossa querida Lili, o meu e o seu doce enlêvo, que chora ao ver-me chorar, que me acaricia com os seus deditos—umas cinco pétalas de rosa—muito estendidos, que me beija com a sua bôca pequenina e fresca, como o cálice duma flor, bebendo as lágrimas que deslizam, como pérolas líquidas, pelas minhas faces, sulcadas já das primeiras rugas do sofrimento. Quero-lhe contar toda a dor que me vai na alma, porque só o meu dedicado amigo, que me serviu de arrimo quando fiquei orfã, me poderá compreender, porque tem chorado comigo as minhas lágrimas e eu tenho sofrido consigo as suas dores. Aproveitando o ensejo de meu marido se encontrar ausente fui na semana finda, no meu *Benç*, por uma tarde banhada de sol, um sol ustulante e devorador, ao monicómio Miguel Bombarda, ver o Ar-

tur. Essa visita matou-me. São já passados dez dias, mas ainda sinto vibrar assustadoramente todo o meu temperamento de nevropata incurável. Como sabe o Artur era um tímido, era um desses infelizes que nascem, crescem e morrem inconscientemente, vivendo toda a sua vida em continua atrofia psíquica, sem ideias, sem pensamentos, sem força de acção. Era um autómato de carne. A sua tímidez deve a loucura! Ele amava-me e eu, apesar do seu génio, também o amava. Mas o seu acanhamento foi a nossa desgraça, porque nos separou para sempre. Os anos iam passando e ele sempre na mesma, até que me vi obrigada a casar com um outro homem por quem tenho todo o respeito, mas nenhum amor. Ainda me recorde de quanto chorei ao saber da sua ida para Paris. Já estava casada, mas sofri imenso. ¿E seria isto amor? Era, porque eu bem o sentia...

Agora, achei-o completamente desfigurado. Assim que começou a visita no manicómio, empalideci; e quando o vi na minha frente, a olhar-me fixamente, senti invadir-me um terror inexplicável. Fiquei petrificada, e só voltei à realidade quando êle, sacudindo-me bruscamente, me perguntou se eu ia ali do mando da velha,

daquela que elle havia matado pelo Carnaval. E começou a contar-me, com gestos destrambelhados e esgares de doido, que encontrára, uma vez, num baile, um dôminó que o convidou a ceiar. Aceitou. Cearam ambos. Durante a ceia elle conservou sempre a negra *loup*. Já madrugada levou-o para casa e chegando lá, arrancou-lhe a máscara, vendo, iluminada pelas primeiras réstas dum sol doitado, a cabeça repelente duma velha. A mystificação enfureceu-o; com uma raiya louca pegou num punhal, que estava numa parede, e cravou-o, até ao punho, no peito da velha. Esta poz-se a rir numas casquinadas muito estridentes. Elle, mais enfurecido, arrancou-lhe os olhos, deixando-lhe as órbitas vasias; e cansado de a morder, adormeceu. Ao começo da tarde acordou e viu que o cadáver da velha havia rolado pelo chão e a sua bôca estava colada a dêle, parecendo que os seus lábios gelados o queriam beijar. Fugiu. Durante dias, durante meses, correu por êsses montes, sem que a velha o deixasse, até que um dia caiu morto por uma ribanceira. E ainda depois de morto ouvia a velha a rir, a rir muito...

E ao dizer isto, os seus olhos imensamente abertos, desmesuradamente grandes, extranhamente parados, contemplavam-me.

Mal terminou, rompeu num choro convulso, encostando a sua cabeça, que ardia em febre, ao meu ombro, que também ardia sob as suas lágrimas esbraseantes como gotas de fogo. Inopinadamente crava-me os dentes de fera no ombro, lança-me as mãos ao pescoço, tentando-me estrangular, e insulta-me, dizendo que eu me vendi ao meu marido. Aos meus gritos de socorro e aos do enfermeiro acudiram todos os empregados que lhe vestiram um colete de fôrças. Retirei-me. Pelo caminho não pensava na dor que sentia na garganta, devido ao princípio de asfixia, não pensava na dor que sentia no ombro que



Senhor Guilhermino,
Senhor contador:
Vocência tem tudo,
Tudo a seu favor.

A pera bizarra.
Bigode peludo.
Cabelo apartado,
Vocência tem tudo.

Tem bom coração.
Amigo do pobre.

Vocência tem tudo,
E' cidadão pobre.

Como autoridade
Vocência ganhou
As graças do povo
Que o homenageou.

Sôr Guilhermino, adeus
Um abraço apertado
Do «Pardal» seu amigo
Um amigo e um criado.

Oscar Diniz.

começava de gotear sangue, só pensava nos ultrajes que elle me fez. Cheguei a casa com um forte ataque de nervos e estive de cama até hoje, dez dias. Durante êstes dias tenho orado a Deus pela sua cura. ¿Será isto amor? E', que eu bem o sinto, apesar de já ser casada e do mal que elle me fez. Até é um sacri egio! Mas Deus perdoar-me-há. A' bocadinho, a minha filhinha ao ver-me chorar, perguntou-me se eu chorava pelo papá, e eu, que chorava abstractamente, lembrei-me de repente do Artur e comecei de chorar com mais violência, nuns soluços gritantes, apavorando até os criados. Elle pai da minha filha! Que alegria!

Perdoe-me meu amigo, meu querido amigo, estas heresias e

creia-me sempre honesta e digna da sua paternal amizade, do nome honrado do meu marido e das carícias da minha filhinha, da nossa extremosa Lili. ¿Ainda será isto amor? E' infelizmente.

Eis, meu bom amigo, as causas da minha angústia e o que me tem feito envelhecer precocemente. Venha-me ver, o mais breve possível. Traga-me o consôlo das suas sensatas palavras e a alegria da sua presença.

Envio-lhe um bouquet de beijos da Lili. Não se esqueça de me vir visitar, porque eu preciso de chorar no seu regaço acolhedor como outrora, quando, menina e moça, adormecia nêle. Abraça-a a sua dedicada—*Natália*.

EDURISA.



Em Foco

Pequenina e donatosa, feições de criança, embora conte já dezoito floridas primaveras.

Belisa incomparável, porte aristocrático e galante, ela é uma das mais sublimes pérolas desta opulenta cidade.

Desgostosa da sua pequenez e invisibilidade, por vezes a vemos imersa nos seus pensamentos, sem se lhe desvanecer aquêlê meigo sorriso que lhe emoldura as faces mimosas.

O seu rosto ebúrneo, o seu olhar prescrutador e fascinante, o seu nariz aquilino e aristocrático e os seus lábios de virgem, pequeninos, arrebatam a alma mais insensível às cumiadas misteriosas do amor.

Os olhos de fada, castanhos escuros, penetrantes e agudos como a lâmina afiada dum punhal, luzidios, potentes como o sol, arrebatadores, dão-lhe uma certa incomparabilidade, uma certa beleza impossível de descrever.

Bela como um sonho poético da juventude!

Alma de pomba imaculada, beleza aureolada por todo aquêlê que tem a dita de a divisar, ela, a nossa galantíssima perfilada de hoje, tem uma voz angélica de fada, doce, terna, barbejo harmonioso e sagrado com que a prendou a natureza; uma voz maviosa, fina, daquelas que nos levam à presunção, ao auge do idiotismo.

Quando a vemos, acompanhada da sua boa mana colegial, a caminho de Santo André, face altiva e aquêlê corte insinuante banhado pelos reflexos do sol despedindo raios de luz e candura, sôbre a nossa mente perpassam as mais

febris visões cristalinas e sonhadoras, que redundam, sempre, num pasmo, seguido dum marasmo insuportável.

Usa por vezes uma trança de cabelo, preto como o azeviche e espesso, que sôbre as costas lhe cai ampla e finamente penteado.

Maria! é o nome com que dotaram a nossa *Augusta* perfilada de hoje; e a quem o «Pardal» presta respeitosa homenagem, pela pena do seu mais obscuro colaborador, inserindo-a na galeria de mulheres belas, exalçando, ou melhor, evocando os dotes divinais que a distinguem.

A sua casa, um ditoso Paraíso, um foco de ventura e felicidade, faz frontaria um aromático jardim — situado numa das ruas mais frequentadas da cidade, designada pela data dum revolução popular que na capital do norte teve fim, data esta que os nossos políticos de hoje muito consagram — donde ela extrai as florsinhas, seu enlevo e alegria.

14 | 6 | 16.

XILINHO.



Aeróstico

(à Desconhecida...)

↳petecia-me hoje—e que lembrança!
↳minha fada ridente escultural!
↳stro do meu viver 'inda criança!
↳uz do meu canto, ó minha adoração!
↳r beijar o teu colo sensual
↳ssim como quem vai à... comunhão!

Porto—Maio de 1916.

NOVAIS TEIXEIRA.

O MEU LUTO...

Passava por uma dessas ruas que vão dar na vasta mansão onde descansam aqueles que deixaram esta vida. Passava tendo na fisionomia o influxo de melancolia dolorosa que me enchia a alma!...

Uma dessas sopeiras que tem sempre à disposição ramos frescos e odoríferos de rosas, e flores de toda a espécie, ofereceu-me um... Abanei a cabeça negativamente com um sorriso e fui passando. Eu não ia ao cemitério... Para que flores? As flores que deposito a cada instante no luto dêste sentimento cada dia escurece mais meu pensamento e minha vida, numa alma inquieta, são as recordações que deixo perfumar em meu coração nas horas de doce loucura...

E' o enlevo que me faz tanto sofrer, recordando-me os momentos quando permaneço sentado junto à mesa no meu quarto a contemplar esses olhos fulgurantes; êsse porte de rainha absoluta. E' o triste e doce aconchego das palavras: amo-te, amar-te hei sempre!

As flores que deposito junto ao meu luto, são estas, tam cheirosas, de uma saudade que se alimenta de amor, dum amor que não morrerá, e que se dilata neste prazer cruciante de sorrir entre suspiros e lágrimas...

OSOBAC.



© Pardal aos domingos

O *Caixôto*, o avançado Presidente dum junta... de gente paroquial, defensor do régimen com o dente e patriota moderno, estomacal,

Acabava de lêr o seu jornal contra as freiras, jesuitas capelões... Quando soletrou a hora oficial recuou como o recuo dos canhões!

Escapou-se-lhe um grito e a família em volta dêle ouvia com quisília o tema atróz que há tanto tempo o aterra:

—Se adeantam ano e meio em vez dum hora ao tempo que se vai fazer agora, livre!... Estava livre de ir pra guerral—

TIRTEU.

O Pardal em ceara alheia**Graça doutros**

(Imitações do espanhol)

VI

Luis, pintor de Ana Gil,
 Assim que ajustou o retrato,
 Quis fazê-lo de perfil
 Por ser algo mais barato.
 Mas a joven de repente,
 Exclamou, com grande enfado:
 —Assim não, antes de frente,
 Porque eu não gosto de lado.

Pôrto.

EDURISA.



Agora p'ra se não rir,
 Dos já caricaturados,
 Tocou a vez,
 Ao senhor dos penteados.

Todo chic, todo bem posto,
 «sem mais esta e mais aquela»
 Faz aqui um figurão,
 C'o fato de saramela.

Rogamos-lhe por favor,
 Se não julgue melindrado.
 E pró nosso bom amigo
 Um xizinho mui apertado.

Tarde piaste!...

Rigmeu.



«O prometido é devido»,
Diz um adágio antigo.
Eis, pois, a caricatura
Do nosso presado amigo.

- E que tal a acha o leitor?
- Que lhe parece, afinal?
- Acha engraçado? tem chiste?
- Vá? diga bem ou diga mal?!
- Seja franco e, sem receio,
- Diga a sua opinião:
- Está ou não elegante
De monóculo na mão?
- E vê-se bem pelo rosto
Que é alegre e satisfeito.
- Nada lhe falta, olhe bem,
- Lá tem a camélia ao peito.
- De luras e de bengala,
- As roupas bem perfumadas,

—E pelo brilho das botas,
Vê-se que estão engraxadas!

- O lençinho e o chapéu,
- Colete de fantasia.
- Aprumar mais? Isso não.
- Amarelhe não podia.
- Podia estar a fumar,
- Mas nesse caso, então,
- Não podia apresentá-lo
- De monóculo na mão.
- Repare o leitor p'rá medalha
Na corrente pendurada:
Dum lado o Afonso Costa
E do outro a Miguelada...
E' a tal nova moeda
Pois a outra está safada.

Guimarães, Abril de 1916.

OSCAR DINIZ.



Quem há, sim, que o não conheça
Pela sua posição,
Como notário e advogado,
Gente, enfim, de ilustração?

Cheio do corpo, lá isso
Ninguém pode contestar
O contrário do doutor
Que tem carnes de engordar!

Passe bem, caro doutor.
Sempre às ordens, adeusinho.
O povo fala de tudo...
Ou é bruto ou é asninhol...

Oscar Diniz.



— Não conhece este sujeito,
 Este padre exemplar?
 — Não conheço, meu amigo.
 — E' o senhor padre Gaspar.

Comissário em S. Francisco,
 Acérrimo defensor
 Da Fé, da Crença e Virtude,
 Da religião do Senhor.

Importante orador sacro.
 Jornalista vigoroso.
 Escritor e dramaturgo.
 Em versejar é mimoso.

Escreveu para o teatro
 Um drama, aqui já há anos,
 Bem urdido e dialogado,
 Em três actos, *Dois Marçanos*.

Fêz um hino patriótico
 A' nossa cidade qu'rida
 E que toda a gente canta:
 — "O' Guimarães, teu progresso, tua vida,"

— Agora fico sabendo,
 Pelo que o amigo me diz,
 O talento que possui
 O senhor Padre Roriz.

ÓSCAR DINIZ.



A voz:

— Por Deus dizei-me quem sois!
 Falai, falai, por favor.

A voz dele:

— Escuta, eu vou-te dizer
 Quem sou: sou um professor.

A voz:

— Oh! um professor??

A voz dele:

— Sim, sim.
 A minha missão consola
 Todas, todas as crianças
 Que frequentam a escola.

A voz:

— Nobre e altiva missão
 Do nosso professorado:
 Humilde e ajoelhado,
 Permitti vos beijar a mão.

(Depois de beijar-lhe as mãos respei-
 tosamente:)

E que mais, que mais sois vós?

A voz dele:

— Um proposto deputado
 Pelo António de Almeida.
 Infeliz!! Fui enganado!...

(Nesta ocasião S. Ex.^a suspende a
 fala enquanto as lágrimas lhe correm
 pelo rosto.)

A voz:

— E que mais, e que mais sois?

A voz dele:

— Um talentoso orador,
 Polemista e jornalista,
 Um afamado escritor.

A voz (admirada):

— Oh Céus! oh Céus!
 Neste momento,
 Me curvo beijando os pés
 Do nosso maior talento

(A voz foge para longe...
 E as rajadas do vento
 Murmuram, quasi em segredo:
 — Inimência do talento!?)

ÓSCAR DINIZ.



—O' papá, papá?

—Que queres?

—O papá já se esqueceu
De me comprar o fatinho
Que, há mezes, me prometeu?

—Não, meu querido Toninho,
Vamos comprar o fatinho.

—Olhe, que eu quero uma roupa
De blusinha e calção,
Com bolsinho aqui, ao lado,
P'ra meter a minha mão.

Eu quero também que a blusa
Tenha botões amarelos...

—Do que queres deve haver
No Ernesto Vasconcelos.

(Entram os dois no Londres em Guimarães, ao Passeio da Independência:)

—Ora bons dias, senhor.

—Como passa? como está?

(A criança indicando:)

—Papá: eu quero um assim
Como aquel' que ali 'stá.

—E' que o meu Tónio, senhor,
Deseja um fato escolher.
—Ora pois não, sim senhor,
Tenha a bontade de o ver.

—Papá: eu quero êste azul
Bonito! de jaquetão!

(Muito alegre:)

Quando fôr à romaria
Hei-de ser um figurão!...

—Queira, pois, embrulhar êste.
Fica o rapaz arrumado.

(Puxando da bolsa:)

—Quanto é?

—Sete mil réis.

—Até depois.

—Obrigado.

—Adeus, oh tu! como estás?
Parece que andas fugido?!
Não receies, faz como eu:
Também hoje estou caído.

Acharam-me original,
Gordo, de pernas arcadas,
E com força para dar,
Num qualquer, duas lambadas.

Anda d'aí, um instante:
Ali, ao Souto, jogar,
No bilhar, cem carambolas.
Nem no taco há de pegar.

E no fim (vá lá, vá lá!)
Duma tremenda lição,
Te ofer'cerei a cerveja
Que me vês aqui na mão:

Oferece sempre um agente,
Do que vende, a toda a gente.

Oscar Diniz.

ÓSCAR DINIZ.



—Bons dias, *sôr Amaden!*
—Bons dias, senhor *Pardal!*
—Com que então o meu amigo
Quis, também, vir p'rô jornal?

—Não pedi, meu caro amigo:
Não me julgue assim pedante.
Teimaram tanto comigo,
Encontraram-me elegante,

De maneira que pensei
Cá p'ra comigo: afinal,
Não vejo mal possa haver
Em deitarem-me ao *Pardal*.

—E faz bem. Diga-me cá.
Desculpe-me a teimosia:
Onde vai todo bem posto?
—Vou á missa do *mei' dia*.

—Ahl vá, vá.
—Se não me engano
Parece que já tooou!

(Consultando o relógio de ouro:)

Doze e cinco. Com certeza
Que a missa principiou.

—Uma pergunta, meu caro:
Tem continuado a fazer
Os sonetos primorosos
Que me dava para os ler?

(*Ele com toda a modestia:*)

—Tenho alguma coisa feito.
Afinal, coisas sem geito.

—Ora, ora...
—E' o que lhe digo.
Vou á missa, meu amigo.

—Pois bem, adeus, até logo.

(*Ele dirigindo-se para a igreja:*)

—'Stá um Soll parece fogo!

Oscar Diniz.

—A's ar á á á á ... mas!!!
A sentinela gritou.
Diz o cabo p'rô soldado:
—A's armas? mas quem passou?

—Quem passou? eu já lh'o digo,
Meu rico cabo amigo:

Nem era o nosso sargento
Cá do nosso pelotão,
Nem tenente, nem *major*,
Nem c'ronel, nem capitão.

—O'messa! antão a quem foi?
Já que não nomeias mais...
—Ora vou-lhe já dizer:
Foi ao *sôr alfer's Morais*.

Repare, ó meu rico cabo:
Lá vai, além, e liró:
Bota nova, calça nova,
E um rico *sólipó*.

E' o alferes mais catita,
Mais elegante e bem posto!

E aquele chapéu grande
Dá linda graça ao seu rosto.

E' bom sujeito sem dúvida,
Boa alma e coração.
Ahl que se assim fôsse igual
Do comando o capitão!!

(no interior tocam as cornetas)

O' meu cabo... está tocando
Lá na nossa companhia:
E' p'rô rancho, quem m'o deral
Tenho a barriga vasia!

(cantarolando:)

Ai! ai! ai!
Oh que tremendo sarilho
Ai! ai! ai!
P'ro que uma mãe cria um filho!

Oscar Diniz.